

## Vantagem em casa no campeonato brasileiro de futebol: efeito do local do jogo e da qualidade dos times

*Home advantage in the Brazilian soccer championship: effect of game location and team quality*

Cristiano Diniz da Silva <sup>1</sup>  
Nísio Cunha Medeiros <sup>2</sup>  
Ana Cristina Diniz da Silva <sup>3</sup>

**Resumo** – O propósito do presente estudo foi verificar a vantagem em casa, considerando a interferência e interação entre local do jogo e qualidade dos times nos aproveitamentos percentuais de vitórias e empates no futebol brasileiro. Dados de 10 anos (1998-2007) do Campeonato Brasileiro da primeira divisão foram considerados, totalizando 3.836 partidas. Para qualificação dos clubes, foi utilizado o primeiro desvio da *Curva de Gauss* em relação à pontuação obtida, sendo superior a este desvio será classificada como de Alta Qualidade (AQ), entre eles como Média Qualidade (MQ) e inferior como Baixa Qualidade (BQ). Foi observado que houve efeito do local do jogo ( $p < 0,001$ ;  $\eta^2 = 0,88$ ); os clubes venceram, em média, 25% a mais jogando em casa do que fora. Esse efeito foi menos pronunciado para os times BQ, em relação aos MQ e AQ ( $p < 0,001$ ), com significativo efeito do fator qualidade também ( $\eta^2 = 0,89$ ). Foi notada interação significativa, porém de média força, entre os fatores qualidade vs local do jogo, no aproveitamento de vitórias em casa ( $p = 0,023$ ;  $\eta^2 = 0,13$ ). Houve significativa relação entre o local do jogo vs qualidade dos clubes para empates ( $p < 0,001$ ;  $\eta^2 = 0,39$ ), sem nenhuma influência importante desses fatores isoladamente. Os times AQ empatam menos em casa do que fora, enquanto o inverso aconteceu para os clubes BQ ( $p < 0,05$ ). Não houve diferença de empates em casa e fora para os times MQ. Conclui-se que o fator local do jogo pode ser atributo de vantagem nos confrontos do Campeonato Brasileiro de futebol da primeira divisão, sendo mais pronunciada quando a qualidade do clube é maior.

**Palavras-chave:** Vantagem em Casa; Futebol; Campeonato Brasileiro; Local de Jogo; Qualidade de Time; Atletas.

**Abstract** – The objective of the present study was to evaluate home advantage in Brazilian soccer considering the interference of and interaction between game location and team quality in the percentage of wins and draws. Data from the Brazilian first-division soccer championship comprising a period of 10 years (1998-2007) were analyzed, for a total of 3,836 games. For club qualification the first deviation of the curve of Gauss was used in relation to the punctuation obtained. Clubs presenting a punctuation higher than this deviation were classified as high quality (HQ), clubs with an intermediate punctuation as average quality (AQ), and clubs with a lower punctuation as low quality (LQ). There was an effect of game location ( $p < 0.001$ ;  $\eta^2 = 0.88$ ), with clubs playing at home winning on average 25% more games. This effect was less pronounced for LQ teams compared to AQ and HQ teams ( $p < 0.001$ ), a finding indicating a significant effect of team quality ( $\eta^2 = 0.89$ ). A significant, although of medium strength, interaction was observed between team quality and game location for the percentage of wins at home ( $p = 0.023$ ;  $\eta^2 = 0.13$ ). There was also a significant relationship between game location and team quality for draws ( $p < 0.001$ ;  $\eta^2 = 0.39$ ), with no important influence of the individual factors. HQ teams presented fewer draws at home than away, while the opposite was observed for LQ clubs ( $p < 0.05$ ). No difference between draws at home and away was observed for AQ teams. In conclusion, game location is an advantageous factor in Brazilian first-division soccer championship games, with this factor being more pronounced in the case of high quality teams.

**Key words:** Home advantage; Soccer; Brazilian championship; Game location; Team quality; Athlete.

1 Universidade Federal de Viçosa. Programa de Pós-graduação em Educação Física. Viçosa, MG. Brasil. Bolsista CAPES. Brasil.

2 Universidade Federal de Viçosa. Especialização em Futebol. Viçosa, Minas Gerais, Brasil.

3 Universidade Federal de Viçosa. Laboratório de Performance Humana. Viçosa, MG. Brasil.

Recebido em 08/10/08  
Revidado em 21/12/08  
Aprovado em 12/05/09

## INTRODUÇÃO

A existência de certa vantagem da casa (VC) para o time anfitrião é um fato bem documentado para muitos esportes coletivos e individuais<sup>1,4</sup>. Atualmente, são encontrados valores de aproveitamento de pontos em casa, variando de 60 a 65% para as principais ligas do mundo, inclusive Brasil<sup>2,5</sup>, com diferenças não-significativas entre a primeira e a segunda divisão nos países da Europa<sup>3,6,7</sup>. Desde o estudo clássico de Schwartz e Barsky<sup>4</sup>, em 1977, diversas teorias têm surgido como tentativa de explicar quais mecanismos potenciais podem estar conferindo às equipes mandantes tal vantagem. Em revisão recente, Nevill e Holder<sup>8</sup> indentificaram quatro principais causas que podem ser responsáveis pela VC. Eles citaram a torcida, o privilégio arbitral e a familiaridade com o campo de jogo por parte do mandante, bem como, as viagens efetuadas pelos visitantes, como fatores que podem ser aplicados na tentativa de explicação desse fenômeno, na maioria dos esportes.

No caso do futebol, diversos estudos usando dados de várias competições domésticas têm analisado esses fatores. Os resultados de alguns estudos são afirmativos e outros negativos para alguns dos fatores levantados. Por exemplo, ao avaliar a relação entre VC e distância de deslocamento do visitante em competições locais, no futebol profissional da Inglaterra, verifica-se que os estudos não encontram resultados significativos<sup>9,10</sup>, ou mesmo tenderam a isso, mostrando uma relação pequena<sup>11</sup> ( $r=0,07$ ,  $p=0,0001$ ), considerando o grande número de observações ( $n=10,153$  jogos) que foram feitas. Outro aspecto que pode ter relação com a viagem do visitante é a possibilidade de fadiga e queda de desempenho ao final das partidas, que também foi descartado, não sendo encontradas diferenças significativas nas médias de gols, ao final das partidas, entre mandantes e visitantes<sup>9</sup>.

Mas esses resultados podem estar atrelados a menor dimensão territorial dos países da Europa, onde foram realizados esses estudos<sup>9,11</sup>. Pollard et al.<sup>12</sup>, ao estudar a VC no futebol Brasileiro, país com extensa dimensão territorial, a VC encontrada para os times do norte, nordeste e sul do Brasil foram mais alto que da região central. Isso pode ter sido explicado pela distância viajada pelo time visitante, tendo esse aspecto um efeito pequeno, mas significativo no resultado do jogo, correspondendo a 0,115 de gol a favor do time da casa para cada 1000km viajados pelo visitante.

Tendo como foco de investigação os aspectos como tamanho e densidade de torcidas nos

locais dos jogos de futebol, alguns estudos têm concentrado suas hipóteses explicativas de VC na melhoria do desempenho das equipes mandantes, em favor das decisões favoráveis de árbitros<sup>13-15</sup>, por percepção de influência dos próprios torcedores<sup>16</sup> e por sua influência positiva nos jogadores locais<sup>17</sup>. Toda atmosfera criada pela torcida, salvo algumas exceções, pode criar um positivismo psicológico nos jogadores da casa, sendo considerado que, se os jogadores acreditarem na existência de VC, então é provável que aumente a confiança deles ao jogar em casa, e isso, conseqüentemente, contribui para a existência deste fenômeno<sup>7,8,17</sup>.

Muitos estudos<sup>13-15</sup> consideram que a torcida local, através da pressão e da intimidação pelo ambiente “caseiro” propenso, pode exercer forte influência sobre as decisões do árbitro, em importantes ações do jogo, a favor da equipe da casa, independentemente da relação final, com melhor desempenho dos mandantes. Assim, Nevill et al.<sup>14</sup> observaram que os árbitros, na liga inglesa, marcaram um número menor de faltas (15,5%) para o time da casa, quando foi assistida em vídeo, uma partida com barulho da torcida, em comparação a árbitros que assistiram sem influência de barulho. Outros estudos têm verificado que os árbitros assinalaram mais pênaltis<sup>13,15</sup> a favor do mandante e penalizaram os visitantes com número maior de cartões amarelos<sup>13</sup> e vermelhos<sup>15</sup>, nessa mesma liga.

Um fator sobre o qual não há muita controvérsia na literatura são as questões de familiaridade com o campo de jogo para explicar a VC no futebol, considerada pelos técnicos e atletas como aspecto mais importante na VC<sup>16</sup>. O conhecimento de certas condições específicas, como influência do vento, posições do sol e referências visuais adquiridas, pode trazer benefícios ao se preparar e disputar um jogo dentro do ambiente familiar<sup>6,7,9,10</sup>, podendo refletir até 24% da VC<sup>10</sup>. Aspecto como as diferentes marcas esportivas das bolas utilizadas (providenciada pelo mandante) também condicionou vantagens em jogar em casa, sendo constatado que 7% da VC advêm dessa condição na liga francesa da primeira e segunda divisão<sup>6</sup>.

Embora todos esses aspectos sejam válidos, é de esperar que o grau de interferência e de interação de todos eles esteja atrelado à qualidade dos clubes em questão<sup>4</sup>. Dessa forma, é provável que o time melhor ganhe o jogo, mesmo este sendo em casa ou não. Utilizando, então, tratamentos individuais por desempenho dos clubes e atribuindo-se diferentes graus de habilidade, foi encontrado que o “fator local do jogo” teve importância primordial no

desempenho das principais divisões da liga inglesa de futebol e que esse efeito foi menor nos clubes de qualidade inferior<sup>18</sup>. Neste estudo anterior, também foi constatado que os times de melhor qualidade empatam menos em casa, com o contrário disso acontecendo para os times de baixa qualidade.

Segundo essa nova proposta de Bray et al.<sup>18</sup>, a VC pode ser estudada através da interação entre o fator local *vs* qualidade no desempenho dos clubes, considerando a diferença de aproveitamento entre em casa e fora para as vitórias e empates. Assim, o objetivo do presente estudo foi verificar a VC, considerando a interferência e interação entre local do jogo e qualidade dos times, nos aproveitamentos percentuais de vitórias e empates, no futebol brasileiro da primeira divisão.

## PROCEDIMENTOS METODÓLOGICOS

### Amostra

Foram analisadas todas as partidas nas condições de vitórias, empates e derrotas em casa e fora de casa, dos Campeonatos Brasileiros da Série A, de 1998 a 2007. Para maior controle do equilíbrio competitivo entre as temporadas, somente foram consideradas as fases classificatórias das competições, de 1998 a 2002, que adotaram o sistema misto, visto que a VC, em fases finais, pode-se comportar diferentemente<sup>7,8,10,19</sup>. A não-inclusão de temporadas anteriores a 1998 justifica-se porque havia um número enorme e irregular de equipes, sem critérios bem definidos para compor a primeira divisão, e também competições com equipes se enfrentando uma só vez<sup>20</sup>. Dessa forma, questões de qualidade e igualdade de poderio competitivo poderiam ser questionadas ao se considerar o fator VC<sup>5</sup>. Todas as temporadas incluídas no estudo adotaram o critério de três pontos por vitória, um ponto para empate e zero ponto para derrota. As tabelas das ligas foram consultadas via internet, no site [www.soccerway.com](http://www.soccerway.com), que tem sido adotado em outros estudos do gênero<sup>2,5,12</sup>.

### Métodos

Na qualificação dos clubes individualmente, foi considerada a pontuação obtida em cada temporada. Três categorias por qualidade competitiva (alta, média e baixa) foram criadas, seguindo a orientação de Bray et al.<sup>18</sup>. Assim, os clubes de Alta Qualidade (AQ) e Baixa Qualidade (BQ) foram aqueles que obtiveram pontuação superior e inferior ao primeiro desvio (68,27%) da *Curva de Gauss*, respectivamente. Para a qualificação de Média Qualidade (MQ),

foram considerados aqueles clubes que tiveram pontuação compreendida dentro do primeiro desvio. Para seguir esse pressuposto, a distribuição normal foi verificada previamente através do teste de *Kolmogorov-Smirnov* com nível de significância de  $p < 0,05$ . A qualificação dos clubes revelou que houve 42 clubes na condição AQ, 43 como BQ e 150 como MQ.

No segundo momento, foram calculadas as *Diferenças Percentuais de Vitórias em Casa e Fora* (D%VC/F) e de *Empates em Casa e Fora* (D%EC/F). Para verificar a interação entre o local do jogo *vs* qualidades dos clubes, foram estabelecidos os aproveitamentos percentuais de Vitórias em Casa (%VC) e Fora de Casa (%VF), assim como para os empates em casa e fora (%EC/%EF, respectivamente), também seguindo as orientações de Bray et al.<sup>18</sup>.

### Análise estatística

Antes de usar procedimentos estatísticos paramétricos, *Levene's Test* e *Mauchly's Test* foram utilizados para verificar as suposições de homogeneidade de variância e *sphericity*, respectivamente. Para primeira comparação entre os percentuais de vitórias e empates em casa e fora de casa, empregou-se, na análise estatística, o teste de *Anova One Way* para medidas repetidas, com posterior aplicação *post-hoc* de *Tukey HSD*. Para verificação da interação entre o local do jogo (2) x qualidade dos clubes (3), os dados foram tabulados como D%VC/F e D%EC/F, sendo utilizado o teste de *Anova Two Way* para medidas repetidas, com posterior aplicação *post-hoc* de *Tukey HSD*. Para mensuração da "força do efeito", foi adotado *Eta-squared statistic* ( $\eta^2$ ), que é apropriado para usar no contexto de análise de variância, com posterior classificação de sua força, segundo os valores de 0,01, 0,06 e maior que 0,15, como de pequena, média e grande força, respectivamente<sup>21</sup>. Os dados foram apresentados como média  $\pm$  desvio-padrão. Considerou-se o valor de  $p < 0,05$  para nível de significância. Para análise estatística foi usado o software *SPSS® 15 for Windows*, Chicago, IL, USA.

## RESULTADOS

Uma análise estatística descritiva e os resultados encontrados para D%VC/F e D%EC/F são apresentados na Tabela 1. Foi observado que os clubes AQ tiveram D%VC/F maior, significativamente, em relação aos clubes BQ ( $p < 0,05$ ). Os clubes AQ também tiveram D%EC/F negativa e diferente em relação às outras qualidades ( $p < 0,05$ ).

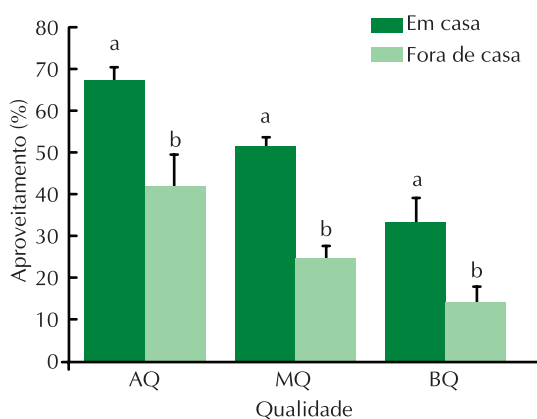
**Tabela 1.** Estatística descritiva e os resultados encontrados para D%VC/F e D%EC/F, de acordo com as qualidades dos clubes.

Variável	Alta Qualidade (AQ) n=42	Baixa Qualidade (BQ) n=43	Média Qualidade (MQ) n=150
D%VC/F	25,21 ± 7,56	18,95 ± 7,17	26,52 ± 2,89*
D%EC/F	- 10,16 ± 10,89**	08,01 ± 6,97	-0,12 ± 2,14

\*p=0,03 para MQ vs. BQ

\*\*p=0,001 para AQ vs. BQ; p= 0,01 para AQ vs. MQ.

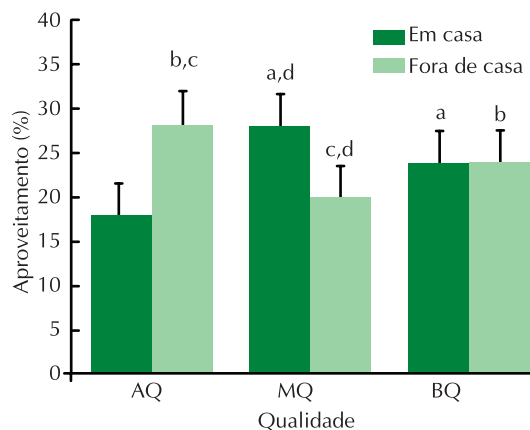
Houve significativo efeito do fator qualidade dos clubes ( $p < 0,001$ ), com grande “força do efeito” ( $\eta^2 = 0,89$ ) no aproveitamento percentual de vitórias em casa, assim como interação entre os fatores qualidade vs fator local ( $p = 0,023$ ) com média “força do efeito” ( $\eta^2 = 0,13$ ). Apesar de o fator casa ter sido demonstrado como forte atributo de certa vantagem competitiva para as vitórias em casa ( $\eta^2 = 0,88$ ), esse efeito foi menos pronunciado ( $p < 0,001$ ) para os clubes BQ, com taxa de aproveitamento de  $32,60 \pm 5,62\%$  versus  $50,60 \pm 2,31\%$  para MQ e  $66,60 \pm 2,79\%$  para AQ (Figura 1).



Letras iguais diferem entre si ( $p < 0,001$ ). AQ=alta qualidade; MQ=média qualidade; BQ=baixa qualidade.

**Figura 1.** Aproveitamento percentual de vitórias na situação em casa e fora de casa, segundo o fator qualidade.

Uma significativa interação e uma grande “força do efeito” foram observadas para o fator local vs qualidade dos clubes ( $p = 0,001$ ;  $\eta^2 = 0,39$ , respectivamente), ao percentual de empates em casa e fora de casa, sem nenhuma significância na atribuição de efeito isolado desses fatores ( $p > 0,05$ ). Um aproveitamento parecido em casa e fora de casa foi observado no comportamento percentual de empates entre os clubes MQ ( $p > 0,05$ ). Os clubes AQ tiveram taxa percentual de empates menor em casa, em relação aos BQ ( $p < 0,05$ ). Os clubes dessa última qualificação também apresentaram taxas percentuais maiores ( $p < 0,05$ ) às observadas para fora de casa (Figura 2).



Letras iguais diferem entre si ( $p < 0,05$ ): <sup>a</sup>  $p = 0,001$ ; <sup>b</sup>  $p = 0,001$ ; <sup>c</sup>  $p = 0,005$ ; <sup>d</sup>  $p = 0,007$ . AQ=alta qualidade; MQ=média qualidade; BQ=baixa qualidade.

**Figura 2.** Aproveitamento percentual em empates na situação em casa e fora de casa, segundo o fator qualidade.

## DISCUSSÃO

Os resultados referentes ao aproveitamento percentual de vitórias em casa revelaram que há um importante efeito do fator casa ( $p < 0,001$ ; Fig. 1), independentemente da qualidade do clube, confirmando a hipótese de VC no futebol brasileiro. Contudo, houve, também, um importante efeito do fator qualidade do clube ( $\eta^2 = 0,89$ ), que pode ser constatado em um aproveitamento percentual crescente de vitórias em casa, segundo as qualidades dos clubes. Esse melhor desempenho dos clubes jogando em casa, em relação a fora de casa, independentemente de suas qualidades, é confirmado por outros estudos, que avaliaram a liga inglesa de futebol da primeira divisão<sup>11,18</sup>, o basquetebol escolar<sup>22</sup>, competições de hóquei no gelo<sup>4,23</sup>, beisebol e futebol americano nos EUA<sup>4</sup>.

Clarke e Norman<sup>11</sup> mostraram, em estudo das temporadas, de 1980/81 a 1990/01, das quatro divisões do futebol Inglês, que, em média, os clubes venceram 24% a mais de seus jogos jogando em casa, comparado aos jogos fora de casa. Esses dados estão próximos aos do presente estudo, no qual foi observado que não houve diferença entre D%VC/F para os clubes MQ vs AQ (~25%), porém com diferença significativa entre os clubes de MQ vs BQ (Tab. 1). Esses resultados estão próximos, também, aos do estudo de Bray et al.<sup>18</sup> para as quatro principais divisões da liga inglesa (temporadas de 1981/82 a 1999/2000), onde foi encontrado que os times AQ e MQ apresentaram D%VC/F maior (~24%) em relação aos clubes BQ (~16%).

A média “força do efeito” ( $\eta^2 = 0,13$ ) encontrada no presente estudo para a interação entre fator local vs qualidade dos clubes para D%VC/F está em con-



cordância com a observada para o futebol inglês<sup>18</sup> e hóquei no gelo americano<sup>23</sup>. Isso demonstra que, quando os efeitos são combinados, há pequena diferença de magnitude do efeito de VC por qualidades dos clubes. Contudo, quando considerada a “força do efeito” para o fator local, isoladamente, notou-se que ela foi maior que a encontrada por Bray et al.<sup>18</sup>. Isso demonstra que o fator local, no Brasil, teve impacto mais importante para as vitórias em casa que na liga inglesa, nos períodos estudados.

Essa propensão de maior efeito do fator local no desempenho dos clubes mandantes dos jogos, no futebol brasileiro da primeira divisão, foi confirmada, também, por outros estudos<sup>2,5,12</sup>. Em um desses estudos, Silva e Moreira<sup>5</sup>, considerando o aproveitamento percentual de pontos em casa para toda a competição, constataram que a VC, no futebol brasileiro, foi maior ( $64,9 \pm 2,2\%$ ;  $p < 0,05$ ) em relação às principais ligas da Europa e da Argentina, nas temporadas de 2003 a 2007. Somente na comparação com a liga francesa não foi encontrada diferença estatística. Algumas suposições foram feitas por esses autores<sup>5</sup> em relação às peculiaridades do campeonato brasileiro, assim como da característica geográfica do País, para explicar essa maior taxa de VC.

Para Silva e Moreira<sup>5</sup>, alguns aspectos, como torcida e distâncias de deslocamentos dos visitantes, podem ter uma consideração especial para o Brasil, em relação a esse fenômeno. Por exemplo, a torcida no Brasil não é tão presente aos estádios como na Europa<sup>24</sup>. Dessa forma, algumas evidências atribuídas a ela, como influência nas decisões arbitrais<sup>13-15</sup> sobre a VC no futebol europeu, podem não se confirmar ou não ter o mesmo significado no futebol brasileiro. Para Silva e Moreira<sup>5</sup>, aspectos da torcida local, como maior fanatismo, barulho e hostilidade, podem ser bons caminhos na busca de fatores explicativos para uma alta taxa de VC no Campeonato Brasileiro.

Alguns estudos não confirmaram a hipótese de uma relação entre maiores distâncias de deslocamento do visitante, resultando em maior VC no futebol europeu<sup>9,10</sup>. No entanto, deve-se ressaltar que esses estudos foram feitos em países de dimensões territoriais muito menores que as do Brasil. Silva e Moreira<sup>5</sup> ressaltaram que viagens com mais de 1.000 km são comuns porque, no Campeonato Brasileiro, há equipes na primeira divisão de regiões geográficas extremas, como as regiões Sul e Nordeste.

Essa possibilidade teórica para o futebol brasileiro levantada por Silva e Moreira<sup>5</sup>, em relação a um crescimento proporcional na VC à medida que

aumenta a distância de deslocamento do visitante, foi confirmada por Pollard et al.<sup>12</sup>. Esse grupo de pesquisadores<sup>12</sup>, analisando as temporadas de 2003-2007, da primeira divisão, encontrou que o coeficiente resultante de uma equação de regressão indica que para cada 1000 km de distância viajada, a diferença de gols esperado aumenta para 0.115. Assim, embora a influência da distância seja significativa, seu efeito atual é pequeno por consequência de uma amostra muito grande (2324 jogos) que só precisa de uma diferença pequena para esta ser estatisticamente significativa. Por outro lado, do ponto de vista prático, como há equipes que viajam ~3500 km constantemente, o efeito disso na diferença de gols entre os dois times pode ser esperado como  $3500 \times 0.000115 = 0.403$ , ou seja, a metade de um gol.

O futebol difere de muitos outros jogos esportivos, pelo fato de a probabilidade de empates ser maior. É provável que isso seja mais uma reflexão do sistema de contagem de pontos que qualquer disparidade no padrão de qualidade entre os times<sup>25</sup>. No presente estudo, por exemplo, a taxa de empates esteve em 23,66%. Essa frequência alta de jogos empatados e o modo como são recompensados tais resultados no futebol podem afetar a estratégia competitiva dos times. Assim, o resultado em forma de empate, mesmo jogando em casa, pode ser considerado um bom resultado quando se trata de equipes BQ.

Este fato pode ser confirmado quando se observa que esses clubes tiveram um aproveitamento de empates alto em casa ( $28,0 \pm 5,05\%$ ), em relação a fora de casa ( $19,9 \pm 5,38\%$ ) e em comparação com os  $17,9 \pm 7,9\%$  dos clubes AQ em casa ( $p < 0,05$ ; Fig. 2). Isso está em conformidade com o estudo de Bray et al.<sup>18</sup>, em que se verificou que os clubes BQ tiveram aproveitamento de 28% em casa vs. 23% fora de casa para os empates. Em virtude de sua inferioridade competitiva, a ação dos clubes BQ pode ser potencializada pelo efeito VC, demonstrando um equilíbrio de força e que a obtenção de um ponto na forma de empate passa a ser um resultado interessante para eles. Apesar de essa última consideração ser uma hipótese válida para a prática do dia-a-dia competitivo, nenhuma significância estatística do efeito do local do jogo foi demonstrada para a situação de empates.

O forte poderio competitivo dos clubes AQ é confirmado pela sua alta taxa ( $p < 0,05$ ) de vitórias fora de casa ( $41,50 \pm 7,41\%$ ) e empates ( $28,1 \pm 5,15\%$ ) e (Fig.1 e 2, respectivamente). Um aspecto importante que deve ser ressaltado no futebol

brasileiro é que à medida que o clube desenvolve um bom trabalho e obtém melhor classificação na competição, ele é acompanhado por um número maior de torcedores. No Brasil, diferentemente da Europa, os ingressos são comprados jogo a jogo. Dessa forma, uma interação diferenciada em função de um maior número de torcedores nos jogos dos clubes AQ pode ser esperada. Considera-se, ainda, que a torcida seja mais propensa a incentivar nessa circunstância e pode criar uma atmosfera positiva, do ponto de vista psicológico, para os jogadores e hostil para os visitantes e arbitragem.

Esse fato é confirmado para jogadores ingleses, que apontaram que a torcida pode exercer forte influência na sua predisposição para a realização de um bom jogo<sup>17</sup>. Isso pode somar forças e fazer com que uma equipe consiga manter um alto aproveitamento, jogando em casa na competição. Nesse aspecto, ainda é interessante destacar que o inverso geralmente acontece para os clubes BQ no Brasil. Assim que é percebido mau desempenho de tais clubes, as torcidas, geralmente, tendem a “abandoná-los”, ainda mais quando os clubes não têm muita tradição.

Uma análise de confrontos entre qualidades diferentes foi feita em alguns estudos. Por exemplo, Madrigal e James<sup>22</sup>, estudando o basquetebol colegial feminino, nos Estados Unidos, das temporadas de 1982/83 a 1991/92, observaram que os clubes de alta qualidade venceram 70% de seus jogos contra os times dessa mesma qualidade e 95% contra os clubes de baixa qualidade. Essa mesma tendência foi encontrada no beisebol americano, na década de 1970, em que os clubes de primeira divisão venceram 52% e 60% de seus jogos em casa, contra os clubes da mesma divisão e da segunda divisão, respectivamente<sup>4</sup>.

Essa estratégia poderia ter sido estudada para o futebol brasileiro. No entanto, como argumentado por Bray et al.<sup>18</sup>, essa perspectiva é limitada, por considerar somente a metade dos jogos, ou seja, aqueles jogados em casa, e não a interação global, com seus confrontos fora de casa também. Assim, esses autores<sup>18</sup> consideram que a estratégia de tratamento por diferença de aproveitamento percentual para vitórias e empates pode trazer informações mais válidas da interação qualidade de clubes e local do jogo. Assim, novos estudos, que considerem  $D\%VC/F$  e  $D\%EC/F$ , poderão ser realizados, analisando os confrontos individualmente.

Entre as limitações do estudo, destaca-se o fato de que as análises incluíram competições anteriores ao ano de 2003, no qual a adoção de sistema misto de disputa era adotada, com fases classificatórias e eliminatórias e isso pode ter uma

VC diferenciada<sup>8,10</sup>. Outro aspecto comum no Campeonato Brasileiro, dos últimos anos, é o fato de que algumas equipes, por questões financeiras e/ou punitivas com perda de mando de jogo, levaram seus jogos para outro local que infringe, em teoria, perda de vantagem por não jogar na verdadeira casa. Mesmo sabendo desse aspecto limitante, o presente estudo avaliou todas as partidas, levando em consideração a divulgação nominal da CBF para “time da casa” (clube que aparece primeiro na confrontação). A intenção foi aumentar o intervalo amostral, reportando um número maior de temporadas e de partidas, até porque a VC observada para o futebol brasileiro da primeira divisão, desde os anos de 1998, até temporadas mais recentes, teve comportamento semelhante<sup>2,5,12</sup>. Outros estudos poderão controlar esses fatores.

## CONCLUSÃO

Conclui-se que o fator local do jogo pode ser atributo de vantagem nos confrontos do Campeonato Brasileiro de futebol da primeira divisão, sendo mais pronunciada quando a qualidade do clube é maior.

Apesar da importância do futebol brasileiro no cenário mundial, pouco se sabe a respeito dos fatores intervenientes nos confrontos do futebol e sua consequência em forma de vantagem para os mandantes. Mais pesquisas são necessárias sobre a VC no futebol brasileiro, inclusive nas diferentes divisões que compõem o futebol profissional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Carron AV, Loughhead TM, Bray SR. The home advantage in sport competitions: Courneya and Carron's (1992) conceptual framework a decade later. *J Sports Sci* 2005;23(4):395-407.
2. Pollard R. Worldwide regional variations in home advantage in association football. *J Sports Sci* 2006;24(3):231-240.
3. Pollard R, Pollard G. Long-term trends in home advantage in professional team sports in North America and England (1876-2003). *J Sports Sci* 2005;23(4):337-350.
4. Schwartz B, Barsky SF. The home advantage. *Social Forces* 1977;55(3):641-661.
5. Silva CD, Moreira DG. A vantagem em casa no futebol: comparação entre o Campeonato Brasileiro e as principais ligas nacionais do mundo. *Rev Bras Cineantropom Desempenho Hum* 2008;10(2):184-188.
6. Dosseville FEM. Influence of ball type on home advantage in French professional soccer. *Percept Mot Skills* 2007;104(2):347-351.

7. Pollard R, Pollard G. Home advantage in soccer: a review of its existence and causes. *Int J Soccer Sci* 2005;3(1):28-38.
8. Nevill AM, Holder RL. Home advantage in sport: an overview of studies on the advantage of playing at home. *Sports Med* 1999;28(4):221-236.
9. Dowie J. Why Spain Should Win the World Cup?. *New Scientist*. 1982;94(10):693-695.
10. Pollard R. Home advantage in soccer: a retrospective analysis. *J Sports Sci* 1986;4(3):237-248.
11. Clarke S, Norman JM. Home ground advantage of individual clubs in English soccer. *The Statistician* 1995;44(4):509-521.
12. Pollard R, Silva CD, Medeiros NC. Vantagem em casa no futebol no Brasil: diferenças entre clubes e efeitos de distância de viagem. *Rev Bras Futebol* 2008;1(1):03-10.
13. Boyko RH, Boyko AR, Boyko MG. Referee bias contributes to home advantage in English Premiership football. *J Sports Sci* 2007;25(11):1185-1194.
14. Nevill AM, Balmer NJ, Williams AM. The influence of crowd noise and experience upon refereeing decisions in football. *Psychol Sport Exerc* 2002;3(4):261-272.
15. Nevill AM, Newell SM, Gale S. Factors associated with home advantage in English and Scottish soccer matches. *J Sports Sci* 1996;14(2):181-186.
16. Wolfson S, Wakelin D, Lewis M. Football supporters' perceptions of their role in the home advantage. *J Sports Sci* 2005;23(4):365-374.
17. Waters A, Lovell G. An examination of the home-field advantage in a professional English soccer team from a psychological standpoint. *Football Studies* 2002;5(1):46-59.
18. Bray S, Law J, Foyle J. Team quality and game location effects in English professional soccer. *J Sport Behav* 2003;26(4):319-334.
19. Page L, Page K. The second leg home advantage: Evidence from European football cup competitions. *J Sports Sci* 2007;25(14):1547-1556.
20. Santiago Jr JRS. Os arquivos do Campeonato Brasileiro 1st ed. São Paulo: Panda Books; 2006.
21. Cohen J. *Statistical power analysis for the behavioral sciences* 2nd ed. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates; 1988.
22. Madrigal R, James J. Team quality and the home advantage. *J Sport Behav* 1999;22(3):381-398.
23. Bray SR. The home advantage from an individual team perspective. *J Appl Sport Psychol* 1999;11(1):116-125.
24. Silva CVDGF, Campos Filho LAN. Gestão de clubes de futebol brasileiros: fontes alternativas de receita. *Sistemas & Gestão* 2006;1(3):195-209.
25. Jacklin PB. Temporal changes in home advantage in English football since the Second World War: what explains improved away performance? *J Sports Sci* 2005;23(7):669-679.

### Agradecimentos

CAPES

---

### Endereço para correspondência

Cristiano Diniz da Silva  
Rua Márcio Araújo, 174 ap. 01 – Bairro JK  
Viçosa – Minas Gerais – Brasil  
CEP: 36570-000  
E-mail: cristianodiniz.silva@gmail.com